



Trabalho (no) Feminino: (1850-1926) - Histórias dos Açores

Mulheres Singulares

Ana Augusta de Castilho (Angra do Heroísmo, 16/03/1860 - Lisboa, 1/12/1916) – nascida na freguesia da Sé, na ilha Terceira, foi escritora, professora, ativista republicana e feminista. Da sua infância e juventude pouco se conhece, pelo que urge um estudo mais aprofundado sobre a sua biografia. Sabe-se que era filha de Augusto Maria de Castilho, natural de Lisboa e de Maria Clementina Pereira, natural de Braga e era irmã de Maria Augusta Castilho Dias. Em conformidade com o seu assento de batismo, era neta paterna de José Maria de Castilho e de Maria do Carmo e neta materna de José António Pereira Valente e de Maria Tomásia Pereira Valente. O batizado realizou-se na Sé de Angra, a 8 de abril, e foram seus padrinhos Tomás José da Silva Júnior e sua prima D. Ana da Silva Carvalho, filha de Luís da Silva Carvalho.

Anos mais tarde, já com residência fixa na cidade do Porto, Ana Augusta viria a casar com um tio, irmão do seu pai, por sinal, bastante mais velho do que ela e com quem não teve filhos. Após a implantação da República e tendo-se mudado para Lisboa, alcançou enorme prestígio entre várias agremiações republicanas, de que fez parte, tornando-se numa consagrada feminista. Nas palavras de Maria Evelina de Sousa, Ana Augusta de Castilho era uma “dama distinta e bem educada”, de bom coração e doçura de trato, cujo ideal supremo era a “emancipação da mulher pelo trabalho” e pela independência económica (*A Folha*, n.º 670, 10/01/1917). Através da imprensa, nas conferências que proferiu, nos discursos públicos ou em simples conversas, foi sempre uma entusiástica e convicta defensora da justiça entre a humanidade e da elevação moral das sociedades, através do estabelecimento da igualdade de direitos e deveres entre homens e mulheres, sustentáculo da evolução civilizacional. Era uma fervorosa apologeta do direito ao voto e à educação por parte do sexo feminino. As suas ideias levaram-na à militância na Associação de Propaganda Feminista, sendo ainda acionista e tesoureira da Empresa de Propaganda Feminista e Defesa dos Direitos da Mulher, responsável pela publicação do jornal *A Semeadora*, do qual foi membro da redação, colaborando também com alguns artigos.

Além de feminista, Ana Augusta era republicana e adepta do Livro Pensamento. Foi, desde cedo, membro da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (LRMP), da qual chegou a ser Vice-Presidente da Direção, tesoureira e membro da Mesa da Assembleia Geral. Além de contribuir para a propaganda republicana, discursando, em Chaves, aquando da vitória do regime sobre as incursões monárquicas de Paiva Couceiro, foi representante da Liga em vários acontecimentos públicos e reuniões e publicou vários artigos no periódico *A Madrugada*, órgão desta associação. Em 1912, participou nas homenagens, promovidas pela LRMP, às feministas açorianas, Alice Moderno e a Maria Evelina de Sousa.

Fez igualmente parte do Grupo das Treze — criado para combater a ignorância e as superstições das mulheres portuguesas — e foi cofundadora, juntamente com Ana de Castro Osório, Antónia Bermudes e outras figuras de relevo, da Comissão Feminina “Pela Pátria” (1914), destinada a recolher donativos para os soldados portugueses que viriam a participar na I Guerra Mundial. Ana Augusta de Castilho foi, aliás, uma defensora da intervenção de Portugal neste conflito, ao lado dos aliados. Em 1916, ainda integrou a Cruzada das Mulheres Portuguesas, movimento de beneficência fundado por Elzira Dantas Machado, esposa do então Presidente da República, Bernardino Machado. Este movimento nasceu da remodelação da anterior comissão.

Entre 1912 e 1915, dedicou-se à Obra Maternal, instituição devotada à proteção de crianças em risco, da qual viria a ser presidente entre 1914 e 1915. Organizou inúmeras iniciativas e conseguiu numerosas adesões, devendo-se à sua grande entrega a manutenção e sobrevivência desta entidade. Ana Augusta foi uma tenaz combatente da mendicância infantil e da prostituição. Enquanto fundadora e docente, esteve também envolvida na criação da escola intitulada Solidariedade Feminina, destinada ao ensino diurno e noturno de mulheres, adultas e mais jovens. Porém, as reduzidas inscrições acabariam por inviabilizar o projeto, bem como o livro infantil *A Mulatinha*.

Tal como muitas outras ativistas e intelectuais da sua época, Ana Augusta de Castilho pertenceu à Maçonaria, mais propriamente à Loja Carolina Ângelo, do Grande Oriente Lusitano Unido.

O seu prematuro desaparecimento causou grande consternação entre os meios republicanos e feministas nacionais e espanhóis, motivando, o seu funeral, inúmeras manifestações de pesar, por parte das múltiplas organizações com as quais colaborou, assim como individualmente. O Professor Borges Grainha, que discursou junto ao túmulo, no cemitério do Alto de S. João, afirmou, de forma sentida que “D. Ana Castilho era uma consciente feminista e uma causa que tem defensores do alto valor moral e intelectual desta senhora é uma causa triunfante!” (*A Semeadora*, n.º 18, 15/12/1916).

Na homenagem que lhe consagrou o jornal *A Capital*, esta figura feminina de relevo, natural da ilha Terceira, nos Açores, foi descrita do seguinte modo: “Delgada, franzina, com os cabelos soltos já grisalhos, mas com uma fisionomia cândida, de criança, quando dela se esperavam clamores de revolta, palavras incitando à guerra e à destruição, ouviam-se discursos impregnados de doçura, de paciência, de perdão e de fé... Era simples e persuasiva a falar e era distinta na sua apresentação, se bem que os seus vestidos fossem quase pobres, porque recebiam sempre gastar muito com ela. Quando as suas companheiras desanimavam, ela sorria; quando o mundo ignorante e mau rugia contras as reivindicações que ela defendia, endireitava o busto, já alquebrado pela doença que lhe ia minando a vida, com mais alívio e com mais entusiasmo, com mais desassombro” (*A Capital*, n.º 2263, 2/12/1916).

Trata-se, sem dúvida, de uma mulher singular, que importa recordar e fazer perpetuar entre as gerações mais jovens.

Susana Serpa Silva



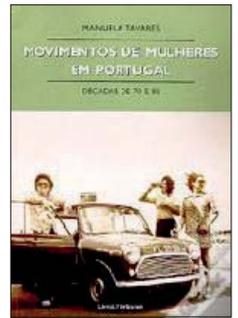
► Ana Augusta de Castilho, in *A Semeadora*, n.º 18, 15 de dezembro de 1916

Recomendamos a leitura

Para falar sobre movimentos feministas, surge-me escolher várias obras, porque os feminismos são um movimento multifacetado que se constrói a diversas vozes. Sobre História dos movimentos feministas, recomendaria, *Movimentos feministas em Portugal*, de Manuela Tavares e, para uma visão internacional, *No turning back: The History of feminism and the Future of Women*, de Estelle Freedman, ou para uma síntese, *A Brief History of Feminism*, da MIT Press.

Proponho também a leitura de oito obras fundamentais que permitem aprofundar a tecedura crítica e os múltiplos ângulos de análise e estratégia política que os feminismos têm vindo a propor, produzidas em diferentes épocas e localizações. *Vindication of the rights of women*, de Mary Wollstenstcraft (mãe de Mary Shelley, autora de *Frankenstein*) livro de 1792, e de Olympe de Gouges o *Declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã*, de 1791. *Ain't I a Woman*, nome dado a um discurso feito de improviso da ex-escravizada Sojourner Truth, na Convenção de Mulheres, em 1851. Para uma visão interseccional, *Mulheres, Raça e Classe* (1981), de Angela Davis; para uma análise a partir dos arquétipos, *Mulheres Que Correm Com os Lobos* (2016), de Clarissa Pinkola Estés, e para um olhar materialista, *Calibã e a Bruxa* (2020), de Sílvia Federici. Finalmente, *Ecofeminismo* (2014), por Vandana Shiva e Maria Mies, e *Peregrinação de uma Pária* (1838), de Flora Tristan. Alguns deste livros estão disponíveis no CIPA e outros encontram-se em linha.

Judite Canha Fernandes



Sabia que...

Os ideais feministas começaram a despontar em Portugal em épocas mais recuadas, afirmando-se no século XIX entre mulheres que, exceccionalmente, se distinguiram em universos ou círculos masculinos. Não obstante, foi com o triunfo do republicanismo que o ativismo feminista saiu reforçado e com outra visibilidade, graças a associações como a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas.

Fundada em fevereiro de 1909, tomou-se num símbolo do associativismo feminino e permitiu aos seus membros ganhar um considerável poder reivindicativo, acrescido de uma forte dimensão política. A Liga deu voz às lutas em prol da alteração da condição feminina, recusando que as mulheres continuassem a ter um papel meramente passivo, numa sociedade que as menorizava. Entre os discursos então promovidos, sobressaíam diversos ideais feministas, tais como a defesa do direito ao voto, ao trabalho, à administração dos bens e, naturalmente, à instrução liceal e superior. A educação das mulheres, como suporte essencial da sua emancipação através de uma carreira profissional e da consequente independência económica, tornou-se, pois, numa das primordiais reivindicações dos círculos feministas republicanos, como a Liga.

Esta teve origem no Grupo Português de Estudos Feministas, criado em 1907, por um núcleo de mulheres instruídas e cultas, lideradas por Ana de Castro Osório, que tinha por objetivos difundir os ideais de emancipação feminina e promover publicações com o intuito de educar a mulher portuguesa, para um melhor desempenho das suas funções como mãe, educadora e ativista. É em torno deste grupo que se vai formar a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas — proposta lançada pela própria Ana de Castro Osório e por António José de Almeida, com o apoio de Bernardino Machado e Magalhães Lima. O projeto era, pois, suportado pelo Partido Republicano que, assim, legalizou uma frente de luta, não apenas a favor das reivindicações femininas, mas contra a própria monarquia e o conservadorismo da sociedade portuguesa, servindo também os propósitos do próprio partido. As dirigentes desta associação eram mulheres de grande craveira intelectual, destacadas ativistas e com carreiras profissionais, unidas pelas causas feminista e sufragista: Ana de Castro Osório, jornalista e escritora, as médicas Carolina Beatriz Ângelo e Adelaide Cabete, a escritora e professora Maria Benedita Albuquerque Pinto, Maria Veleza (pseudónimo de Maria Carolina Frederico Crespim), professora e jornalista, entre outras que se foram associando...

A instrução feminina era encarada como a chave para a admissão das mulheres em práticas de cidadania e, por consequência, era um designio presente nos discursos de outras figuras proeminentes como D. António da Costa, Maria Amália Vaz de Carvalho, Alice Pestana ou Bernardino Machado, político que ascendeu à Presidência da República e que, desde o início da sua atividade parlamentar, desempenhou um papel relevante na campanha a favor da educação das mulheres.

Em 1911, divergências pessoais e ideológicas motivaram o declínio da Liga, com a saída de Ana de Castro Osório que, juntamente com outras ativistas que a seguiram, fundou a Associação de Propaganda Feminista.

Susana Serpa Silva